Pelas estradas do Pico

*José Gabriel Ávila**

"Aqui pelas bandas do leste da ilha Montanha, em frente à Terceira e ao lado de São Jorge, vive-se a habitual azáfama das vindimas, este ano maior que o ano transato. Ao contrário de outras zonas da ilha, este é um ano farto de uvas e de figos."

O sol do amanhecer desliza da Ponta do Topo, São Jorge, para o horizonte defronte do Farol da Manhenha, numa viagem silenciosa rumo ao equinócio do tempo e da vida.

Não se notam alterações meteorológicas de monta, nem na temperatura, nem no estado do mar. No entanto, é voz corrente de residentes e de emigrantes que o tempo por cá e na América do Norte já não é o que era: no inverno já não cai tanto "snow" nem granizo e no estio os dias estão muito mais quentes e abafados.

A presente geração assiste a alterações sociais, políticas, económicas e meteorológicas muito significativas. E, apesar dos maus presságios serem sempre referidos, o melhor é esperar que o futuro nos traga dias mais promissores.

Aqui pelas bandas do leste da ilha Montanha, em frente à Terceira e ao lado de São Jorge, vive-se a habitual azáfama das vindimas, este ano maior que o ano transato. Ao contrário de outras zonas da ilha, este é um ano farto de uvas e de figos.

Nota-se também uma significativa presença de visitantes, sobretudo estrangeiros, se bem que em menor número do que no ano anterior. Mesmo assim, e confirmando o crescimento divulgado pelas estatísticas, os que procuram esta ilha vêm observar, em terra e no mar, as belezas características e singulares de que destaco a subida à Montanha, a observação de cetáceos e as paisagens que a ilha oferece através de trilhos pelo interior e junto à zona costeira. São caminhos antigos, canadas estreitas, por onde se circulava a pé, fosse para onde fosse e demorava-se uma enormidade -pensamos hoje - para se chegar ao destino. E não foi há muitas décadas.

Não havia outros meios de transporte terrestre.

O mar, com todas as suas restrições, nomeadamente portuárias, era a solução mais usual.

No setor dos transportes terrestres, a evolução aqui tem chegado, lentamente.

O piso das estradas sofreu apreciáveis melhorias, com a colocação de asfalto nas estradas regionais, municipais e em vários caminhos de acesso a pastagens do alto, mas tardam obras de proteção das falésias e de manutenção de alguns pisos, cujos remendos já se fazem com cimento.

No troço da estrada regional entre o lugar da Ribeira Grande e o Ramal de Santa Cruz das Ribeiras, existem zonas onde se registaram derrocadas frequentes. Pedregulhos gigantes rolaram para a estrada, no domingo do Espírito Santo de 2024, e ainda se encontram na berma do lado do mar, a comprovar o que teria acontecido se, em pleno dia por ali circulassem pessoas e viaturas.

Estranho que, tendo sido chamada a atenção para o sucedido e para o perigo de outras derrocadas e nada tenha sido feito.

Os serviços das Obras Públicas optaram por colocar na berma blocos de cimento sinalizando o perigo. Por estes dias, cortaram o arvoredo que cresce desalmadamente devido à humidade, deixando a descoberto os perigos das falésias que merecem intervenção urgente.

Há situações que se metem pelos olhos dentro, mas ninguém barafusta, ninguém mexe uma palha, nem os mais responsáveis e o tempo passa...

Pessoa amiga, comentando situações destas que bradam aos céus, diz, com a ironia que o caracteriza, que o mar também dá cabo dos neurónios de muita gente, nomeadamente de alguns governantes. Acredito que sim.

No capítulo das estradas, refiro também a falta de limpeza das bermas, já de si mais estreitas e inseguras, após a última asfaltagem.

Em zonas rurais, é frequente os residentes caminharem a pé para as suas propriedades e os turistas percorrerem a ilha do mesmo modo. Mas se as bermas não estão transitáveis, por falta de limpeza ou de espaço, é natural que circulem dentro das vias, sujeitos aos perigos que isso comporta. Tratando-se da transferência de animais ainda é pior e mais difícil a circulação.

Acresce a estas falhas outra igualmente grave: a inexistência de sinalização horizontal.

São muito raros os pisos das estradas regionais do Pico que conservam visíveis o tracejado horizontal: central e lateral. É uma lacuna grave, geradora de acidentes. Sente-se a sua falta não só nas zonas sujeitas ao nevoeiro – e são muitas! – como também nas estradas mais sinuosas.

A manutenção das estradas do Pico tem custos elevados, todos o sabemos, devido à dimensão da Ilha. No entanto, o aumento do número de viaturas, recentemente anunciado e as reais situações de perigo eminente, devem levar os responsáveis governamentais e os representantes eleitos a aumentar substancialmente as dotações orçamentais neste capítulo ou a criarem um programa que assegure a manutenção de investimentos públicos essenciais.

A segunda maior ilha dos Açores deve ter a correspondente contrapartida financeira para suportar as infraestruturas viárias existentes. Essa é uma regra de boa gestão pública que deve ser seguida, independentemente da força política que tenha qualquer parcela do arquipélago.

Governar um arquipélago de nove ilhas é atender e responder às necessidades básicas das populações e do seu potencial desenvolvimento económico.

Só assim se constrói e mantém a unidade da Região Autónoma dos Açores, entidade política e democrática, relevante para a História Açoriana.

Engrade, Pico

**Jornalista c.p.239 A*
http://escritemdia.blogspot.com